

REVISTA MENSAL

DA

SOBRIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

COMISSÃO DE REDACÇÃO

1.º ANNO. — AGOSTO DE 1869. — N. 6.

Abolucão Lourenço
José Bernardino dos Santos
Arnoldo Y. de Bittencourt
Nicolas Vicente Pereira
Hilário Ribeiro da A. Silva



PORTO ALGERS



Typographia do — **Jornal de Commercio** — de L. F. Cavalcanti de Albuquerque.



1869.

REVISTA DE

BOLETIM

DE

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Nicolau Vicente Pereira.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.



REDACTOR DE MEZ

Aurelio V. de Bittencourt.

BOLETIM



Typographia do — Jornal de Commercio — de L.F. Cavalcanti de Albuquerque.



1809

DUAS IRMÃS

(CONTO MORAL)

A' JOVEM TYMIRA F. DA SILVA.

I

Amelia e Lucilia são duas moças, bellas como os amores.

Alberto da Cunha, seu pai, já na idade em que todas as aspirações do homem se voltão para a outra vida promettida nos livros santos, era obrigado a frequentar a alta sociedade, á cata de marido para as suas filhas.

Ataviava-as ricamente, para que despertassém a attenção.

Em casa, nos bailes, nos passeios, nos theatros, em toda a parte, brilhavão sempre as duas beldades, tendo constantemente em roda, como se pôde comprehender, uma multidão de adoradores.

Poetas, advogados, jornalistas, funcionarios publicos, negociantes, cada um queimava o seu grão de incenso junto aquellas moças, por todos divinizadas.

Amelia morria por essa corte; vel-os todos a elogiar-lhe os dotes d'alma, que nenhum conhecia, a belleza fascinadora, os olhos negros, a boca pequena, o nariz curto e arredondado, a pennugem que lhe bordava os labios, a delicadeza do pé guardado n'uma botina de setim e por fim o gosto da *toilette*, eis no que consistia toda a sua ventura.

Lucilia, ao contrario, parecia sempre triste quando todos folgavão; ás bajulações dos *dandys* respondia com um sorriso secco edmo de tedio.

Amelia preferiria a tudo o sequito dos lisonheiros que dizião-lhe viver de sua vida, amar do seu amor; Lucilia, a quem chamavão romantica, manifestava-se pelas paginas de um bom livro, onde pudesse ver exemplos de sã moral.

Quantas vezes não disputavão as duas irmãs a primazia dos seus gostos? Uma amava o prazer que se encontra nos salões do baile, prazer ephemero e perigoso, porque vicia o coração da moça inexperta que se enleva nas phrases e meneios estudados dos galanteadores; a outra preferia o theatro e os livros.

Uma estudava ao espelho o melhor gesto para apparecer em publico e tornar-se agradável aos moços; a outra, considerando que o seu unico arrimo na terra era o pobre velho que tambem não podia ir longe, tratava de aprender os terros da mulher em sociedade, sem que tivesse repugnancia ao trabalho.

Sigamos-lhes os passos até o salão do baile.

A orchestra faz signal para uma walsa. A alegria reina entre todos os convidados. Um, dois, tres, muitos jovens vem solicitar de Amelia a honra de seu braço para voltearem pelas salas; este quer ser o seu par, aquell'outro o seu vis-a-vis, Amelia a todos sorria, a todos attendia.

Perguntavão-se dois moços um ao outro, retirados á um canto:

— Aquella moça terá algum sentimento de amor por qualquer d'aquelles que lhe seguem os passos?

— Diverte-se ouvindo-lhes os protestos de amor eterno, e nada mais.

— Mas aquellas maneiras estabanadas não ficam bem n'uma menina, não julgas?

— Culpa não é d'ella, que não tem quem lhe refrêe os desregramentos.

— E o pai?

— Ora o pai f repara, eil-o sentado á banca do jogo.

— Pois elle...

— Distrahe-se, meu amigo; pois que hão de fazer os velhos? Trazel-os á agitação das salas, seria deslocal-os.

Em quanto taes commentarios se fazião, Amelia já tinha andado pelo braço de seis ou sete mancebos, que não lhe poderião dizer mais que banalidades.

● que é feito de Lucilia?

O quanto tem de luxuoso o vestido que traja Amelia, tem o seu de simples. Um vestido de musselina branca, sem mais enfeite; e um botão de rosa no cabello.

Está ella sentada, quando Arnaldo Pinheiro vem occupar um logar vazio que lhe ficava ao pé.

— Não dança, minha senhora?

— Contento-me em observar.

— Permitta que lhe diga que faz mal; está na idade em que o praser é o unico sonho que nos occupa a mente.... Quando todos se entregão ás delicias que nos dá os ritornellos da walsa, porque aqui tão pensativa? Tem algum pesar?

— ● de ter vindo aqui!

— Não comprehendo. Dar-se-ha caso que o brilho d'estas luzes, o aroma d'estas flores, o ruído d'esta gente a mortifique?

— Quer saber? Se aqui vim, se frequento os bailes, é que a isso me obriga Amelia. Prefiro a este movimento continuo, incessante, a solidão do meu lar. Lá, sinto infinito deleite relendo as paginas de Magalhães ou Gonçalves Dias; Castello Branco ou Herculano; Pinheiro Chagas ou Cesar Machado; do romance ou da poesia passo ao drama, e leio Mendes Leal ou Lacerda, Alencar ou Assis, P. Guimarães ou Hogan. Longe dos meus livros, vem-me o tédio e a abstracção de tudo quanto se passa em roda de mim.

— No entanto D. Amelia é uma perfeita antithese de V. Ex. Veja como se diverte ouvindo aquelle velho.

— Não a invejo, creia. Minha irmã é muito moça, e tudo antevê por entre um prisma seductor: tenho esperanza de que ha de mudar. Mas que estou dizendo? Esqueceu que a musica deu signal para uma quadrilha?

— Por ouvil-a, pouco importará esquecer tudo. V. Ex. faz-me a honra...

— Não quero que me chame excentrica.... Vamos.

— Ao sairem do baile, quando no horisonte se desenhavão os primeiros traços do dia, Amelia pesarosa lamentava ser obrigada a interromper um colloquio amoroso que encetára com um gamenho guarda-livros, e Lucilia dava graças a Deus por fugir ás importunações dos officiosos que queriam conhecer o segredo do seu recolhimento.

II

Amelia é esposa de Guilherme Soares.

São passados três mezes da noite do baile.

Guilherme Soares foi um dos muitos que rodearão-n'a então. D'um vaso de flores collocado sobre um consolo tirou um raminho de alecrim, e offereceu o a Amelia dizendo que aquella flôr significava *firmesa*.

A travessa menina recebeu o fãmo, deu-lhe um osculo erguendo os olhos ao cêo como em extasi e collocou-o no peito.

O moço desde esse instante perdeu a cabeça. Pensou que Amélia só quizera dar-lhe uma prova de preferencia sobre os outros e julgou-se o mais feliz de todos os homens.

No outro dia subia as escadas do velho Alberto da Cunha o negociante Guilherme a solicitar a mão de sua filha.

Amélia foi ouvida, e permaneceu silenciosa enquanto Alberto lhe dizia que o pretendente era um excellente moço, filho de uma família que tinha remotas ligações com pessoas d'alta linhagem e outras tantas recommendações d'este gosto. Quando ouviu esta phrase — *além d'isso é senhor de uma boa fortuna* — os olhos brilharam-lhe com uma luz sinistra, os lábios dilataram-se-lhe n'um riso satânico, e ella proferiu resoluta: — *Desnecessaria era a minha audiencia; bem sabe que eu não lhe desobedeço!* —

Guilherme, pobre moço! não cabia em si de contente; o coração batia-lhe forte e apressadamente, e como que em delirio osculou as mãos do velho pai.

Como sou feliz, meu amigo, dizia elle a um dos seus confidentes, por possuir um thesoiro tão cubigado e disputado.

No fim de um mez, o casamento effectuava-se sem ostentação, nem mais testemunhas que as pessoas da familia dos noivos.

Dois mezes só decorrerão, e já o desgosto entrou na habitação dos jovens esposos.

Amélia, que passára as primeiras quadras da vida em pura ociosidade, via-se agora forçada a um trabalho rude e continuado desde amanhecer até findar do dia.

Ultimamente Guilherme, desesperado pela má escolha que n'uma hora de tresvario fizera, passára aos maus tratos, obrigando-a ao trabalho á força de exprobrações.

Guilherme dirigia uma casa de commercio, para a qual não entrára com capitaes, mas tinha parte nos lucros; por conta d'estes gastava como se fôra um banqueiro, e o resultado dos esbanjamentos em coisas de despreveito foi dentro em breve a pobreza.

Dando-se balanço á casa, conheceu-se que Guilherme ainda devia á firma social.

Quando sentia necessidade de alguma coisa e não a podia haver, vingava-se em accusar sua mulher como causa das desgraças que sobre si pesavão; Amélia, alimentando-se das lagrimas, desculpava o marido para accusar seu pai, que a deixára entregue ás proprias inclinações na idade justamente em que lhe devêra formar o coração e preparal-a para entrar na vida positiva.

— Enriquecêrão-me a intelligencia; acostumarão-me aos prazeres passageiros que se experimentão no delirio da walsa, nos passeios; vendo a meus pés, supplices, tantos moços a pedir-me uma só palavra de amor, eu que não conhecia o que significava esta expressão, mentidamente jurava a todos que erão os escolhidos de minha alma! Esqueci as reflexões de minha irmã, e por vezes descí á inconveniencia para repellil-a, porque eu não podia aceitar que ella, mais moça, me viesse dizer como me devia eu conduzir na sociedade; fôra viva minha mãe, e ella velaria sobre mim, ensinando-me com a sua autoridade as regras que conviria guardasse. Meu pai disse-me: — *estou pobre, velho e cansado, e é preciso que cases; faz a diligencia por achar marido, que eu não descurarei procurar-t'o!* E hoje, n'esta minha longa agonia, ninguem me ajuda a sorver o calice amargo, nem uma só voz amiga me segreda ao ouvido: — *resigna-te!*

Guilherme passa os dias a considerar nos meios de sustentar sua mulher; sem credito no commercio, aguarda por algum outro emprego, e enquanto isto, vai empenhando as joias que lhe trouxe Amélia!

Infelizes entes! Um desespera á falta de recursos; a outra chora á força do sofrer.

Dolorosos transes!

III.

Arnaldo Pinheiro ficou encantado dos sentimentos de Lucilia no baile.

Tomando mais detalhadas informações á seu respeito, soube que a virtude era uma de suas mais nobres qualidades; tornava mais singelo o seu *toilette* afim de poder comprar livros e distribuir esmolos aos seus pobres.

Uns chamavão-n'a — a romantica; — outros — a rolinha; — Lucilia tinha o genio docil, e a todos tratava com uma delicadeza de captivar.

Arnaldo solicitou a mão de Lucilia.

A' consulta de seu pai, pediu permissão para reflectir por alguns dias; é que tinha presente o exemplo de sua irmã, tão infeliz pelo pouco escrupulo na escolha.

D'ahi a dois dias Lucilia accedia ao pedido de Arnaldo.

— Meu pai, vejo que cada vez mais se dobra ao peso da velhice e da enfermidade; se a mão da fatalidade me ferisse agora, roubando-m'o ás minhas caricias, não sei se poderia resistir ao golpe. Só na terra, sem asylo, sem protecção de ninguém, a miseria viria tomar-mê em seus braços; se minha irmã houvesse sido feliz, na sua companhia estaria á coberto das precisões diurnas. Reflecti bem, portanto, no partido que se me apresenta: — ama-me com um amor sincero, puro, que lhe vem do intimo do coração — serei digna do seu amor; em vez dos bens da fortuna, das commodidades que o dinheiro offerece, pede-me auxilio para ganharmos ambos o nosso sustento — a minha resposta é a seguinte — accito! Ha, porém, um additivo á minha resolução: meu pai ha de ir viver em nossa companhia; os nossos cuidados hão de restabelece-lo, e se é possível, dilatar-lhe os dias de vida.

O bom velho chorava de contente; beijou-a na fronte e abraçou-a com todas as suas forças.

Arnaldo aceitou com prazer o additivo e prometeu adoptal-o.

Alguns mezes depois Lucilia e Arnaldo ligavão-se aos pés do altar pelos laços do matrimonio.

De manhã vai á sua repartição, á tarde lê para distrahir seu sogro.

Dispensa ao sogro e á esposa todos os carinhos, e tudo envida para que uma só nuvem de tristeza não lhes paire no rosto!

Reina a felicidade na habitação do pobre!

Lucilia com justa razão se julga a mais feliz das mulheres, e todos os dias agradece a Deus a ventura que destructa na posse de um marido que a ama estre-mecidamente.

Arnaldo julga-se feliz por viver do amor de um anjo; que com os seus affagos lhe entorna a felicidade n'alma.

Alberto abencôa os seus dois filhos e pede para elles o auxilio constante de Deus.

São passados tres annos.

Lucilia vive feliz, tendo já um filhinho, loura e bella criança, que faz os encantos do avô.

Amelia, a pobre Amelia, definhá a olhos vistos; o desgosto, os soffrimentos, a tem abatido muito; quem a visse agora, desconhece a-hia por certo.

Arnaldo retempera as forças no trabalho; Guilherme, expellido da sociedade honesta, espera que o pai lhe morra para haver a herança dos seus bens.

Tinhão os genios differentes; tiverão desiguaes destinos na terra!

RECORDAÇÕES.

Era Setembro....

Lembras-te, Emma ?...

As laranjeiras em flor espargião perfumes, os sabiás canoros dedilhavam a-
menos modilhos, as christalinas cascatas sorrião-se amenisando cantos, os colibris
osculam-se, as bôrboletas adejavão junto aos nevados jasmins e as auras no
perpassar dizião— Setembro—...

Salve ! tres vezes salve a primavera dos pampas de meu sul; salve! ella que
dá echos ás serranias e vozes aos rouxinões da patria.....



Lembras-te, Emma ?...

Na alfombra da esmeraldina veiga, nós reclinados fitavamos esse céu de
chrysóes, essas nuvens alvinitentes como a garça do Uruguay, e essa tela do su-
blime, bello e grandioso—a natureza...

E nós sorriamos...

Emma, sorriamos.... porque a infancia só tem sorrisos...

Escutavamos os garganteios dos gaturamos, o pepitar das rolas, os trinos a-
morosos das juritys ...

Tudo era madrigaes de amores...

E nós, tambem, filhos da criação, sentiamos nascer um sentimento novo e af-
fluir aos labios em borbotões....

Tinhamo-nos curvado á essa lei da criação... amar !

E nos amavamos....

Era um amor infantil, ingenuo, como o do cysne que banha-se no regato,
puro como o da borboleta para as flores...

Assim era nosso amor....

Lembras-te, Emma ?...



Eu tinha treze annos... e as tuas doze primaveras não tinham desabro-
chado.

Eras uma flor em botão. . . .

Lembras-te, Emma ?

Recorda-te, não olvida o passado.

Não queres ?

Eu t'o peço. . . . relê o livro de nossa infancia. . . . e essas flores myrrhadas,
essas flores sem vida, revive-as ao calor de teus beijos. . . .

Tu podes. . . .

Eu . . . não o posso mais; jovem romeiro, tropecei na romaria sem forças;
lyrio da primavera, já curvo o hastil. . . as petalãs murelhão-se de dia em dia. . .
e a minha alma abatida vive envolta no sudario da solidão. . .

* *

Era uma noite festival, festival como são as noites de baile. . .
Tinha decorrido um anno. . .
Se Outubro não guardou em suas tradições essa noite. . . guardei-a eu. . .
tu estavas tão bella. . . eu tão ébrio, tão louco d'amor. . .
Lembras-te? . . .
Que olvido! . . .

* *

A orchestra . . . era harmonias. . .
As flores. . . perfumes. . .
As mulheres. . . vida. . .
Lembras-te? . . .
Nas salas o borborinho das walsas. . . e entre esse mar revoltó de valsistas. . .
alegria, enthusiasmo e mocidade. . . e se de vez em quando o murmurio da floresta
rumorejada pelas brisas da noite, o ruido de uma catadupa que despenha-
va-se com fracasso, vinha quebrar as notas da orchestra, a embriaguez da walsa
era mais louca, o bulicio dos dansantes mais forte. . . a alegria redobrava, o en-
thusiasmo duplicava. . . .
Que noite, Emma! . . .
Lembras te? . . .
Sê generosa, d z-me ao menos uma só vez, que em teu coração ainda pulsa
uma fibra pelo passado, em tua fronte reminiscencia pelo nosso amor de criança. . .
em tua alma uma saudade pela infancia. . . .
E para mim. . . . o que pedirei?
Nada!
Não te creio mais. . . .

* *

Conheces, Emma, aquella menina que tem as mãos entrelaçadas nas de seu
jovem companheiro? que troca com elle sorriso por sorriso, caricia por caricia,
blandicia por blandicia? . . .
Conheces? . . .
Fita-a bem . . .
Contempla suas formas airosas, cinzeladas em habil estatuaria; sna cõr more-
no-italiana pede um pincel . . .
Ah! Raphael teria harmonisado esse primor da natureza, no bello de seu mo-
reno, com a ingenuidade que em seus traços transluzia . . .
Seus cabellos são de ébano azevichado, e revoltos em caracões beijam a asse-
tinada cutis . . .
Ser um d'aquelles caracões . . .
Louco desejo! . . .
Mas se eu pudesse . . .
Seus labios de coral abrem-se graciosamente, mostrando a alva dentadura de
christal . . .
Seus pézinhos de andaluza transparecem por entre a simbria de seu vestido
branco . . .
Suas mãozilhas . . .

Conheces, agora ?
Eras tu aos treze annos . . . :

*
*

Escuta . . . :
Ouve esse trocadilho de palavras . . . uma trança de teus cabellos . . .
Sim ? . . .
Sim . . .
E tua voz era meiga, meiga como as cantilenas pastoris das filhas de nossos
pampas . . .
Tuas palavras . . . harpejos de harpa éolia . . .
Cumpriste tua promessa ?
Não, nunca . . .
Tinhas mentido . . .
Do perjuro, Emma, emanou o esquecimento . . .
Perjuraste tua promessa de criança, tudo olvidaste, e hoje, moça, tu lanças ao
teu amor infantil o escarneo do desprezo . . .
Fazes bem . . .
Variar é viver . . .
Já o disse alguém, e eu o digo também . . .

*
*

Emma, estou só e penso em ti . . .
O que farás tu ? . . .
Pensarás em mim ? . . .
Perdoa-me, ainda sou muito credulo . . .
Crenças da infancia, que não morrerão de todo no coração do mancebo . . . :
Se um dia, Emma, meu nome chegar junto a ti . . . foi levado pelos echos,
ese morreu a teus pés, culpa a brisa que ergueu as cortinas de teu sanctuario de
virgem e o deixou cahir ali.
Emma, se perdoar aos que errão é uma acção nobre, eu te perdôo, e em re-
tribuição á tua indifferença, dou-te — amizade . . .
E ao teu esquecimento só direi :
Obrigado, Emma . . .
Adeus . . .

Julho de 1869.

Apelles Porto Alegre.

EPISTOLAS

Apostolares Part. Alegre

I

Tu, alma de poeta, seio ardente
Que se enleva ante o bello, ante o sublime,
Como vais ao cerrilho teus cabellos
Sem pavor entregar? E no cilicio
Da batina envolver-te, como o morto
Nas dobras d'um sudario?

Tu, livre, pensador, como te arrojas
Ao Maelstron do infortunio?
Bem sabes que um apostolo de Christo
Se dobra ao Vaticano
Como authomato vil! Gregorio setimo
E o concilio de Trento em dia infausto
O tornarão em rocha.

E' sublime a missão do sacerdocio,
Mais sublime não ha, porém não hoje,
Em que, além da estamenha,
Ha a soidão, o tedio, a morte em vida,
E o desprezo das turbas!

O homem está sujeito ao erro, errão todos,
Porém a leve falta do levita,
Da creatura que a Deus somente serve,
Que seus dias e noites vota ás preces,
Que os prazeres da vida eterno olvida,
O poviléo levanta-se,
Insultos e baldões lhe atira ás faces.

Elle presta do templo ante os altares
Sagrados juramentos que não póde
Jamais cumpril-os, e se um dia os quebra,
Se um dia a mão da natureza os rompe,
Ante o Deus que o ouvira e ante o mundo,
Eil-o perdido, infame!

Se procura cumpril os, que martyrio!
Que angustias e que luctas! Mais ditoso
E' o verme na terra rastejando!
Pois a lei natural jamais repelle,
Nem á diva feitura sublimada
Não tenta eliminar sequer um orgão.
Infame o que mutila a natureza!
Infame a lei que o sacrilegio ordena!

Se procura cumpril-os, que martyrio!
Se vê um rosto lindo, uns olhos meigos
Que n'elle se sitarão, eil-o em lucta
Sobre o catre mesquinho!
Seus cilicios filtrão incendios d'alma,
Seus pulsos torcem-se em feroz delirio,
Sua tez queima em estuaste febre,
Todo elle treme, convulsêa o misero!
Que tambem coração possui o padre.

Lembrando que sósinho, sem familia,
Sobre o mundo vegeta, e que a donzella
Vista ha pouco, quem sabe lhe apontasse
A ventura da vida. Tão angelica
O animaria em improbos trabalhos,
Nas arduas excursões do sacerdocio....
Vel-a, sentil-a, desejal-a sempre....
O' que magoas! Que dores o conculcão!
Que desespero infrene lhe arfa o peito!
Como maldições despede em cada folego!
Como o punho cerrado desafia
O espectro que creára o celibato!

A razão lhe murmura que espedace
A cadêa de bronze que o macera,
Os êlos atirando, além — no Tibre;
O coração o leva a doces gosos
Lhe mostrando as delicias da lareira;
Porém um juramento o prende, o liga,
E o altar e a consciencia lh'o recorda.

O que ha de então fazer?

Desvaira o triste,
E a victoria ás paixões inconscio deixa!
E triumpha Salan!

Mais um apostata
A casa de Jesus recebe ao seio,
Mais um Iscariota conta o mundo!

Tu, primavera rosea que viceja
Sob o sol do Equador, tenra planta,
Que quer ar, rocio e brisas, cuja fronte
Enmastra da esperanza as flores lindas,
Cujã arteria da vida a seiva ostenta,
E cujo olhar radia a luz d'amores,
Como queres deitar-te n'este equuleo,
Onde o viver é morte, e o pensamento
Duro aguilhão que move a um cadaver?

Não, amigo, cadaver, frio, inerte,
Não o serás, affirmo, embora o queiras!
O que vale ostentar presença gelida,
Se o volcão ferverá no seio ardente?
Se o Pitina nos Andes entre gelos
Effervesce constante?

Não creio, é impossível. Se da vida
O peso te incommoda, e na sotaina
Buscas prompto allivio a diros males,
Se em seus abraços tem-te o desespero,
Escuta : que mais vale ser suicida
Na taça da peçonha, em fundos mares,
Que mais vale o punhal que sangra o peito
Que no burel, no claustro a morte lenta.
Antes corre da patria na defeza
E em inimigos bastiões a gloria alcança.

O homem serve ao Senhor, lhe rende preitos,
E' dever com um pai que o filho adora,
Dever que se resume em culto santo
E a natureza inteira dá-lhe sempre,
Mas não o sacerdote ! Como amal-o ?
Como dos céos fundir no augusto solio
Palavras doces e sinceras preces,
Elle a quem em horrifica masmorra
De infortunios e dores arrojão
Em nome do Senhor ?

Até no labio

Muitas vezes lhe passa atroz blasphemia !

E quando no mundo vejo as turbas
Cubrirem-n'o de insultos e improperios,
O lamento e perdão. Conheço as causas.
O mal está na regra que o dirige,
E não na natureza que o formára.

II.

Dizes que o homem vence a natureza
E em orgulhoso tom a historia citas,
E entóas de victoria um canto altivo.

Meu amigo, lamento essa cegueira
Que no animo te apaga a luz celeste.
No estabulo dos erros és ditoso,
Pois ris de meus *suteis devaneios* !
Dos absurdos a treva te inebria,
Esqueces a razão e a liberdade,
E o homem já confundes na materia !
A historia é o fecundo pensamento
Que segue do progresso a róta fulgida
Atravez dos espaços e dos tempos.

O homem, se doma a vaga que rebrama,
Se um freio põe aos ventos, se dirige
O rabido corisco, se da terra
Tira alimento e veste, crês quo vence
E torce a lei divina n'este facto ?
Engano ! Elle prosegue na vereda
Que Deus indigitou-lhe ao — *fiat lux* —
O rio que decorre, o grão que gemma,
O passaro que vôa, o sol que brilha,

O corpo que p'ra a terra inclina e tomba,
O fogo que produz voraz incendio,
A natureza porventura esmagão?
No entanto são diversos da feitura
Que a criação domina! Uns sem idéas,
Outros sem um resquício de vontade!

Em falsos argumentos não te escudes
Que tardo arrependimento veni-nos sempre,
Quando as cégas trilhamos.
Inda uma vez te digo:
Maldito o que mutila a natureza!
Maldita a lei que o sacrilegio ordena!

Dizes-me que o suicidio sanciono
Que t'ó conselho mesmo! Longe d'isto
Vagou meu pensamento. Não me entendes!
O' temo por ti, temo que te percas
No dedalo de canones estereis,
De tão sáfara e fossil escholastica!
Relê o que escrevi, e então reflecte,
Reflecte como outr'ora, quando juntos
Passavamos a vida, meditando
Nos livros da sciencia e n'esse livro
Mais sabio que todos — a natura;
Então felizes sempre, irmãos vivemos
A' luz do sentimento e das idéas.
Que saudade hoje nutro d'esse tempo!
Se voltassemos a elle, quão diverso
Não fôras do presente, nem sollicito
Agora te escrevera!

Escuta, amigo,

Porque me dizes inda: « Não perturbes
« A paz de consciencia que demando,
« A vocação me arrasta, vou seguil-a? »
A vocação disseste?! Estás perdido!
Confundes o erro co'a verdade augusta!
E' vocação correr para os abysmos?
Cortar o corpo á disciplina crua,
Nos jejuns maceral-o eternamente?
Não, isso é que é suicidio, e um suicidio
Sem razão de existencia!

D'elle quero

Pressuroso afastar-te.

O anachoreta,

O padre sobre a terra inuteis vivem,
Só o seu braço concedendo a Roma.
Escravos da tíara, o mais odeião....
Sem familia e sem patria de que servem?
E sem Deus, porque d'elle até renegão
Quando a carne lhes falla com facuudia!

Assim sem luz, sem berço — os grandes moveis
Do humano coração, tu bem conheces
Que dão á sociedade escarneo intenso
Roma sobre elles vela, Roma os manda.

Por tudo é um supplicio o sacerdocio.
Tua alma grande e nobre não transige
Com a verdade sacrosantã e pura,
Por isso assim m'exprimo, assim te fallo.
Não serás refractario a teu passado,
A' doutrina dos mestres, aos deveres
Que a lei civil impõe, de nós reclama.

Do precipicio foge, emquanto é tempo.
Não prosigas, senão.... serás Lutherô,
Melancthon talvez, em lucta ousada,
Erguendo outra Smalkalde n'esses climas.

(Continúa.)



PARECER

SOBRE A THESE:

Os animaes têm alma? Essa alma é immortal?

Os materialistas, e entre elles Diderot e Helvecio, affirmão que não ha differença entre o homem e os animaes, senão de sua organização.

Esta asserção tão audaciosa quanto absurda não se apoia, porém, em nenhuma razão positiva.

Qual o ponto de contacto que estabelece a igualdade entre o homem e o animal?

Os animaes são dotados de suas forças distinctas; o instincto, e um certo gráo de intelligencia cuja faculdade, porém, não attinge a perfeição da intelligencia humana, pois que só é dado ao homem o poder de reflectir, com o qual pôde suspender as deliberações do entendimento, fazel-as proseguir ou retroceder, segundo o seu arbitrio.

Os animaes têm memoria, entendimento e vontade, porém estas faculdades não operão n'elles livremente; são antes impellidos por uma força instinctiva, machinal, cega, como acontece em muitas acções dos homens em cujas operações não entra a reflexão.

O homem, pois, distingue-se consideravelmente dos animaes, não só pela perfeição dos órgãos dos sentidos, como pela supremacia de suas faculdades, e sobretudo pela reflexão, com a qual entra em conselho consigo mesmo e modifica as operações da vontade, o que não acontece aos animaes, que obrão instinctivamente, segundo as leis de sua propria natureza ordenadas pelo Supremo Creator de todas as cousas.

Onde está pois o ponto de contacto que marca ao animal o honroso logar de igualdade na esphera da razão humana?

Os animaes que pensão, que sentem, que lembrão e querem, têm manifestado com o exercicio d'estas faculdades alguns signaes de progresso intellectual? Reconhecem, porventura, como o homem, a existencia de um Ser Supremo?

De certo que não, porque, segundo a opinião de um philosopho, só é dado ao homem o poder de sentir que sente, de conhecer que conhece e de pensar que pensa.

E' verdade que o animal tem órgãos dos sentidos que oppõe em relação com o mundo exterior, do qual recebe impressões; porém, segundo a opinião de um outro philosopho, falta-lhe a alma para os reconhecer, o que não acontece ao homem que tem alma, que vê, sente, ouve e quer, com a qual aquilata essas impressões e sabe discernir o bem do mal.

Por mais que queira condescender com os apologistas d'essas doutrinas perniciosas que affirmão a existencia da alma racional nos animaes, doutrinas que mais nos impellem para a descrença da bemaventurança, do que para fortalecer a esperança de que após esta vida, outra mais pacifica nos aguarda, não podemos acceital-as sem detrimento dos principios evangelicos da philosophia christã.

Como admittir que o animal tenha alma, se elle não foi formado do mesmo principio de que Deus tirou o homem?

A luz, o firmamento, os astros, animaes, sahirão do nada em virtude de uma só palavra de Deus — Faça-se, — e tudo se fez.

Deus, porém, não formou o homem em virtude de uma palavra de mando — Faça-se o homem, — não; Deus principiou a distinguil-o com uma palavra de conselho — Façamos o homem á nossa imagem, — o que dá a conhecer que a formação do homem foi de mais transcendencia que todas as obras da criação, pois que Deus principiou a honral-o, não só formando-o á sua imagem, como dotando-o com alma racional. Essa alma, porém, não foi tirada dos elementos.

Diz a Sagrada Escriptura: — Formou, pois, o Senhor Deus ao homem do limo da terra, e assoprou sobre seu rosto um assopro de vida, e recebeu o homem alma e vida.

Por consequencia, o Senhor formando o homem da materia, á sua imagem; querendo, além das fórmas corporeas, distinguil-o ainda do resto dos animaes, honrou-o com alguma cousa de immaterial, cuja substancia infinita tirou de si mesmo, e a massa inerte do homem inspirado com o divino assopro, recebeu alma e vida. Logo o homem foi creado em virtude de dous principios: um material e o outro espirital. A parte corporea do homem é mortal porque foi tirada da materia, e a parte espirital é immorial, porque Deus não a tirou do limo da terra e sim de sua propria essencia, e a infundiu no corpo humano por meio do assopro divino.

Essa particula espirital que o homem recebeu do Creator, a que se póde dar o nome de alma racional, é que constitue o imperioso predominio que o homem exerce sobre todos os animaes terrestres.

Os animaes foram tirados de um principio todo material. Diz a Sagrada Escripura: — Disse tambem Deus: Produza a terra animaes viventes, cada um seguindo a sua especie, e a terra os produziu já completos com movimento e vida.

Esta animação vital, porém, não foi infundida nos animaes por meio de assopro divino, e sim tirado como o corpo dos elementos e por consequente nada tem de immaterial.

Não, os animaes não têm alma; a alma racional teve origem n'um principio eterno, e essa vida animal a que os materialistas chamão alma, não sahiu d'esse principio, e volverá indubitavelmente ao nada d'onde sahiu.

Se, pois, negamos a existencia da alma racional nos animaes, nada mais diremos de sua immortalidade, porque não ha argumentos para justificar o nada, nem póde ser immortal aquillo que não existe.

Porto Alegre, 1868.

Nicolau Vicen Pereira.



OS PALMARES

ROMANCE HISTORICO

POR

APPOLINARIO PORTO ALEGRE.



(CONTINUAÇÃO.)

PARTE I.

CAPITULO I.

Rajava o anno de 1869.

No espaço intermediario entre Porto Calvo e a serra da Barriga hoje na provincia de Alagoas, e na época a que nos reportamos, formando uma comarca da capitania de Pernambuco, d'entre basto arvoredos quasi em totalidade exotico, sobresalia severo e carrancudo o contorno de um edificio de vastas proporções na fórma, mas sem guardar eurithmia no complexo de suas partes.

Distava meia jornada pouco mais ou menos de Porto Calvo.

E' a fazenda de Pero Lopes, senhor de numerosa escravatura e de engenhos, d'onde annualmente desde que a invasão hollandeza desapparecêra, derramava u cornucopia de productos n'esta capitania, e inda sobre outras comarcas.

Não será inutil antes de proseguirmos n'esta historia uma vista sobre o estado do paiz.

Na occasião em que a encelamos, não por uma, mas por varias restaurações lem elle passado. O dominio dos Paizes Baixos havia baqueado ante um heroismo a toda a prova, o ferreo mando da companhia de Jesus era suplantado em alguns lugares e aborrecido no espirito da grande colonia, e a final começava a extremar-se a nacionalidade Brasileira. Verdade é que os moveis de tão grandes e nobres sentimentos, nascião as mais das vezes do contraste de opiniões que requintavão e progredião na lucta apaixonada, fervorosa e em certos casos terrivel, porque o sangue golfava; contudo não deixava de existir o embrião que annos depois faria surgir da chrysalida, factos supremos e de magna importancia para o Brasil e para a civilisação.

A eliminação do poderio hollandez e a extincção da Companhia Geral do Commercio, forão a fonte de bens physicos e moraes que resaltarião mesmo emquanto o paiz se restabelecesse das innumeradas ulcers abertas no longo periodo de trinta annos que durou a guerra.

Vieira e Vidal, Camarão e Henrique Dias mostrárão no mais exclusivo desamparo de Portugal, vivendo e alimentando se dos seus proprios, posto que comesinhos recursos, que, uma nação aggedida por outra soberana dos mares e senhora de exercitos formidaveis, pôde manter sua honra e integridade illusas, se o patrio-

ñsimo e os grandes sentimentos de abnegação, em tão melindrosa emergencia, inspirão sómente a seus filhos.

Emquanto á companhia de Jesus, d'esses maldictos' filhos de Loyola, já sem prestigio, rechaçados pela massa da população, pouca vida se lhe augurava, embora o manto dos pontifices sobre elles se estendesse escandalosamente, embora em seu gremio houvessem vultos da tempera de Vieira. A corrupção no maior auge trespassava de seus conventos, a gangrena apoderava-se de todos os seus membros.

Em pouco tempo um dos maiores politicos modernos, o celebre ministro de D. José I, devia levantar-se como o raio que lasca a mancenilheira lethal, como o agricultor que monda a má herva. E' a seu apparecimento que os jesuitas vão tremmer, tiritar de espanto.

Com o olhar de lynce com que seu genio de dimensões verdadeiramente athleticas devorava o futuro, e escudado na egide do passado, onde nos annaes dos outros povos bebera proficua experiencia, virá anniquilal-os e demonstrar que, se a religião na pureza de seu archetypo é uma lei necessaria para a moralidade do genero humano, não deixa de ser um veneno delecterio, quando mente a seus fins, e desvirtua sua realesa e brilho no conflicto de interesses temporaes e no jogo de paixões ignobeis..

Cada um, como elle, frisasse os actos na governança d'uma nação pelos convincentes corollarios da philosophia da historia, tirando d'elles uma norma invariavel, e quão feliz seria a humanidade!

Assim não veriamos governos ainda hoje postergando tão-sãos principios e cingindo-se a anomalias e desregramentos que causão admiração!

Era então que a nacionalidade brasileira começava tambem a ter consciencia. A larva informe e inerte já sentia alguns movimentos, a seiva de vitalidade começava a circular-lhe na arteria, um vislumbre de razão fulgia-lhe passageiramente no cerebro. Era um prenuncio de um grande acontecimento — a emancipação politica de um povo; era a promessa d'um esforço nas aspirações, d'um acto energico nos movimentos.

O colono portuguez gozava de immunidades e regalias que não tinham os colonos natos no paiz, até o ponto d'estes serem excluidos dos diversos ramos da administração civil e militar.

Nem foi outra a causa primordial do ciume que já semeava a sizania entre uns e outros e mais tarde devia rebentar em sedição aberta entre Recife e Olinda, cada uma representando uma das parcialidades.

Além de taes considerações, outras muitas podião vir ampliar o perimetro deste capitulo; porém para não esquecel-as de todo, apenas as esfolaremos. Se por um lado a terra de Santa Cruz avançava nas veredas do progresso, por outras muitas causas concorrião para quasi neutralisal-o. Uma das mais salientes era o zelo estolido com que a cõrte de Lisboa olhava o adiantamento e forças da grande colonia portugueza da America; por isso seu unico fito foi sempre enfraquecel-a.

Dominada por principios adversos á verdadeira politica, dividiu-a em Estados independentes uns dos outros, e em quaesquer projectos que lhe erão relativos, mostrava tal volubidade que só produzia disturbios e despertar de odios.

(Continúa.)

UM SONHO

E' uma linda noite....

A viração agita as arvores da floresta.

Depois de escuridão espessa, lá apparece a lua cheia e avermelhada como se fôra de sangue.

E mais e mais se alteia, a pouco e pouco mostrando seus esplendores.

O céu de anil agora, está bordado de estrellas. Venus ostenta-se garbosa a desa-

fiar as suas iguaes.

Como é bello contemplar ás horas mortas os vastos campos da costa de Belém !

A relva é verde, mas branqueja ao orvalho da manhã ; os montes que ficão perto cobrem-se de neblina.

E as arvores baloução-se, alastrandô o chão de folhas.

II.

Reina profundo silencio.

E' sobre a relva o meu leito ; servem-me de travesseiro alguns ramos de umbú, e de coberta a vasta extensão dos céos.

De repente, quando descansava sob a egide de Morpheu, vi apparecer por traz de um outeiro uma luz. Pouco depois mostrou-se-me uma mulher, linda como um anjo, que caminhava em direcção ao lugar em que me achava.

A sua belleza fascinou-me ; ergui-me ligeiro e fui ao seu encontro.

Era Marciria, a encantadora Marciria, que passeiava quando a madrugada se approximava.

De dia estivera ella em uma casa onde era eu hospede. Era domingo, dia religiosamente guardado pela gente da roça. Ella sentou-se á sala brincando ora com o seu alvo lenço pendente ao pescoço, ora com um raminho de flor que tinha entre as mãos.

Fui sentar-me á seu lado ; disse-lhe que tambem queria gozar dos perfumes d'aquella flor, que fazião a sua delicia, e ella sem disfarce, sem mais demora respondeu-me : — *mas se o senhor não é meu noivo, como quer cheirar a flor?*

— Mas posso sê-lo. A menina é mimosa ; tem a côr sympathica do jambo ; tem longos e pretos os cabellos, labios da côr da rosa e dentes d'alvo marfim ; as so-brancelhas pretas e espessas, os olhos vivos e escuros. Tem a cinturinha delicada...

Quando ia para dar-lhe um abraço em prova do amor que estava começando a sentir, pedindo-me que lhe não fizesse coegas, sahiu correndo para entre o laranjal.

Quiz segui-la para fazer-lhe a declaração do meu amor ; mas, tendo apenas posto o pé fóra da porta, vi que o velho pai andava de gancho em punho a colher laranjas.

Eu tinha uns amores muito castos; mas a declaração sem a presença do velho seria feita sem constrangimento, com melhor franqueza....

A' tarde pai e filha forão para casa, e eu segui-os de longe para conhecer o local. Ao despedir-me da menina Marciria, olhei-a com tanta ternura, que ella sorriu. Disse acima que fôra ao seu encontro no momento em que a reconheci.

Tive bastante coragem para fallar-lhe; aquelle sorriso da tarde parecia-me prova de que já lhe não era indifferente.

— Ah! bella Marciria, tão cedo é ainda, e já de pé!

— E o Sr. então que é da cidade e costuma erguer-se quando o sol vai alto? São 4 horas; vou levar os carneiros ao lugar do pasto e volto para servir de leite ao pai quando acordar.

— Bella missão, minha menina, mas enfadonha devéras sem um companheiro.... Quer a minha companhia? Eu sou muito bom e tinha tanto que lhe dizer....

— Não, eu ando sempre só. Se tem alguma coisa a dizer-me seja breve, que o dia não tarda a amanhecer....

— Mas se o que lhe tenho a dizer... pois não adivinha? Eu... eu... estou louco de paixão ... pela senhora....

— Mas se ainda hontem me viu... O Sr. não diz a verdade; com a mesma pressa com que lhe veio essa paixão, póde extinguir-se e...

— Ah! não, eu hei de... eu amo-a muito.... Iremos aos pés do altar para que Deus abençoê o nosso amor; levar-te-hei depois para a cidade, onde terás ricos vestidos de seda e velludo, de cambraia e moiré; terás rendas, bordados, fitas, franjas, gregas e mais miudezas para enfeitar-te; irás aos bailes, aos theatros, ás igrejas, aos passeios; dar-te-hei todos os gozos em troca do teu amor.

— Nada d'isso me serve.... ainda se....

— Ainda se...

— Ainda se fosse para viver aqui... eu tenho tanto amor a meu pai e aos meus carneiros... Ai! adeus, Sr., o dia não tarda e tenho pressa... Logo nos veremos.

E quando quiz fallar-lhe, já tinha partido.

III.

Marciria tomou a direcção da praia.

Eu tinha na algibeira um vidrinho de chloroformio, que me fôra pedido da cidade por uma velhinha, que n'esse dia o devia procurar.

Que idéa havia de apparecer-me ao espirito?

Ella ia perto da praia; ahi estava o navio que me devia trazer á cidade, carregando tijolo e telha d'uma olaria proxima; que pensamento sinistro, santo Deus!

Corri, voei, consegui alcançal-a antes que houvesse chegado.

A pobre menina recuou tremula e aterrada; reconheceram-me, de joelhos implorou a minha clemencia; a chorar apontou-me a casa onde um velho honrado dormia, e pediu-me que o não matasse.

Segurei-a com força e fil-a aspirar o cheiro do liquido...

Vi-a desmaiar nos meus braços... era tão bella... que delicia infinda ter a gente reclinada nos braços, sem sentidos, sem forças para reagir, uma mimosa mulher!...

Corri á praia, levando-a ao collo; os carneiros gritavão com força á falta de sua dona e seguião-me.

— Olá do navio *S. José!* um bote que preciso embarcar.

— Quem?

— O unico passageiro de Pelotas para Porto Alegre que traz o hiate.

— Vou acordar o mestre, faça o favor de esperar, gritou-me um dos marujos. Cada minuto de demora era para mim um supplicio.

Os carneiros tinhão-me rodeado; já o dia se fazia annunciar pelo gorgueio dos

passaros na ramagem dos arvoredos ; se alguem nos visse... Oh ! mas eu sal-o-lua calar... imporia silencio com uma ameaça de morte.

— Oh do navio ! tenho frio, estou a morrer, depressa com o bote !

De repente senti passos n'uma curta distancia.

— Alguem viu-me, alguem foi testemunha do rapto, e vem buscar Marcirã..

Mas eu não a entregarei, porque pertence-me. Na cidade dar-lhe-hei o meu nome...

Mas os passos... sinto-os mais perto... Oh ! do navio !... oh ! do navio !

E no esforço de gritar, acordei !

Fôra tudo sonho !

Em vez de mulher, tinha nos braços um jornal, que ao deitar começara a ler.

Em vez da praia, estava deitado no meu leito ; em vez da costa de Belém, estava em Porto Alegre.

Tendo deixado accesa a vela, porque dormira quando lia, consumiu-se toda.

Tive pena ; o sonho fôra tão agradável !...

Agosto de 1869.

Aurelio de Bittencourt.

III



Marcirã tomou a direção...
Eu tinha na algibeira um viridinho de chloroformio, que me fôra pedido da ci-
dade por uma velhinha, que n'esse dia o devia procurar.
Que idea havia de apparecer-me ao espirito ?
Elle já porto da praia, ali estava o navio que me devia trazer a cidade, este-
gando tillo e follo d'uma estria proxima ; que pensamento singular, santo Deus !
Corri, vooi, conseguí alcançar a antea que houvesse chegado.
A pôde meinha remou tremula e atterrada ; reconheci-me-me, de joelhos in-
plorou a minha clamoza ; a chorar espontou-me a casa onde um velho honrado
dormia, e pediu-me que o não massasse.
Seguei-a com força e fit a aspirar o cheiro do liquido...
Vi-a desmanjar nos meus braços... era tão bella... que delicia infinda ter a
gente recolhida nos braços, sem sentidos, sem forças para reagir, uma inimoso
mulher !
Corri á praia, levando-a ao collo ; os carneiros gritavam com força á fôra de
uma hora e seguio-me.
— Oh do navio ! Vou, um bote que preciso embarcar.
— Quem ?
— O unico passageiro de Belotas para Porto Alegre que traz o bote.
— Vou acordar o mestre, fôr o favor de esperar, grilo-me um dos marujos.
Cada minuto de demora era para mim um supplicio.
Os carneiros tinham-me torbado ; já o dia se fazia annunciar pelo forço dos

A MISSA DO GALLO

(FRAGMENTOS DE UM LIVRO.)

O PEDIDO FOI ATENDIDO.

Às cinco horas da manhã do dia 21 de Dezembro de 1861, a Sra. D. Angelina da Silveira dormia preguiçosamente o somno da madrugada, ao lado de seu marido, que recostado indolentemente n'um sofá, lia com pasmosa velocidade, inda que interrompido por algumas pitadas de simonte, as notícias commerciaes consignadas na correspondencia da côrte.

A avidez com que o marido de Angelina percorria os olhos pelas columnas do *Mercantil*, deixava perceber claramente a dolorosa impressão que lhe causara a oscillação dos cambios, e por conseguinte o prejuizo imminente que o ameaçava em suas ultimas transacções, que, graças ao seu genio iniciador e especulativo, rarisimas vezes acarretavão funestas consequencias.

À vista do que acima consignamos, fica comprehendido que Ambrozio da Silveira, que assim se chamava o marido de Angelina, era negociante de calculos palpitantes, de emoções mais ou menos agradaveis, com as quaes devassava largos horizontes na esphera dos interesses mercantis.

O lino e actividade de Ambrozio tinham-lhe conquistado uma opulencia invejável, e por conseguinte poderia ser considerado, se nos permittem a liberdade da qualificação: — negociante de grosso trato!

Deixemos, porém, o Sr. Ambrozio mergulhado em suas cogitações mercantis, e analysemos o inquieto dormir de sua carametade, que inda que á primeira vista pareça nada offerecer de extraordinario, não deixa todavia de encerrar o quer que seja de mysterioso, que é mister desvendar aos olhos de meus circumspectos leitores.

A cada ruido da folha que seu marido, cedendo ao impulso de uma má impressão, desdobrava impetuosamente, Angelina estremecia, suspirava, nias continuava a dormir.

O negociante, posto que tivesse todas as suas idéas empregadas exclusivamente na correspondencia, ou absorvidas na inextogavel mina de suas explorações commerciaes, não deixou todavia de observar aquelle estremecimento produzido talvez por alguma idéa extravagante, azedada pelo fel da venenosa prevaricação.

Ambrozio da Silveira, pouco dado como era, a perscrutar os phenomenos da psychologia, longe mesmo de levar a sua phisosophia ao ponto de investigar o segredo das paixões humanas, não suspeitou que o estremecimento de sua mulher fosse filho das agitações tempestuosas de um amor criminoso.

No entretanto Angelina continuava a estremecer, o que levou seu marido a encará-la em profunda contemplação, de cujo resultado foi attribuir aquellê movi-

mento involuntario á necessidade physica de coçar a mordedura de alguma pulga impertinente, e por conseguinte proseguiu na leitura da correspondencia, que já ia approximando-se do ponto cardinal de seus desejos, que era a tabella dos preços correntes da praça do Rio de Janeiro.

O bom do negociante tinha apprehendido um carregamento de feijão para aquella cidade, de cuja remessa esperava colher um resultado satisfactorio.

A fortuna, porém, foi-lhe adversa d'esta vez, e a maldita correspondencia que elle anciosamente devorava, foi a mensageira d'esse desastroso acontecimento!

Quando Ambrozio deparou com a consideravel baixa de cincoenta por cento no preço do genero que exportára, deixou escapar um grito, que despertou totalmente a nossa formosissima heroina.

Ella, porém, que na physionomia do marido não descobriu a tempestuosa revolução que lhe devorava as entranhas d'alma, aventurou o seguinte pedido:

— Vamos hoje á missa do gallo, Ambrozio?

Escusado é dizer ao leitor a pungente impressão que aquelle intempestivo pedido produziu no interior do negociante.

Ambrozio da Silveira encarando sua mulher com aspecto atterrador, respondeu-lhe n'um tom, que nada recommendava os sóros que gosava de homem circumspecto e reflectido.

— Ora, Sra. Angelina . . .

O bom do velho faltou pela primeira vez ás regras da boa decencia, e nós, por um timbre de moralidade, não repetiremos aqui a palavra que lhe escapou dos labios, que, segundo a opinião de Victor Hugo, se tornára sublime pronunciada por Cambrene nos campos de Waterloo!

Ambrozio da Silveira, ainda que cigano em seus negocios, era todavia dotado de uma boa indole, e se uma ligeira tempestade o agitava em desespero, em breve o santelmo da bonança se manifestava na serenidade de seu rosto.

Como os espiritos fortes e os genios arrebatados são quasi sempre quebrantados pelas arditosas doçuras da mulher, Ambrozio teve de ceder ao impulso d'essa lei immutavel da natureza.

Após profunda reflexão sobre os motivos que occasionarão uma tal baixa de preço no feijão, concluiu que os lucros da penultima transacção cobrião os prejuizos da ultima, e por conseguinte o bom do velho, tomando um aspecto menos sornhatico, adubou o sorriso que lhe pairava nos labios com o sorvo da decima quarta pitada.

Angelina que tinha tanto de formosa como de sagaz e astuta, não querendo es- perdiçar a occasião em que o contentamento transluzia no rosto de seu consorte, aproveitou-se da situação como se dizem politica, para aventurar o segundo pedido.

— Mas então, meu velho, vamos á missa do gallo?

— Vamos, sim; porque não havemos de ir, minha velha? respondeu o negociante

Ambrozio da Silveira conhecia que o tratamento de —*minha velha*— não era adequado á sua mulher, que estava ainda no verdor da mocidade, mas para não transgredir o uso admittido nas sociedades modernas, ia com a moda chamando-a sempre *sua velha*.

Angelina radiante de prazer e contentamento pelo triumpho obtido, levantou-se de subito e foi abraçar seu marido, que a recebeu nos braços com aquella fleugmatica pachorrice que o caracteriza.

Na nossa, como em todas as sociedades do mundo, ha uma certa classe de mulheres casadas, cuja perversão moral attinge a um tal ponto de aviltamento, que seria difficil até á propria intervenção divina operar a regeneração n'essas almas crestadas pelo calor da vaidade e do egoismo!

Estas mulheres, ou antes cancos venenosos, que vão contaminando com a podridão de seus costumes a sociedade decente, distinguem-se quasi sempre das al-

mas bem formadas, pelo desplante com que pretendem convencer o publico de que adorão seus maridos, affectando o desavergonhado ciúme, que por elles manifestão publicamente.

Este apparente ciúme tem dois fins a satisfazer : o primeiro é captar a benevolencia publica com aquellas demonstrações de apreço, e a segunda, é consolidar o imperio que exercem e a consideração que gosão nos corações dos desventurados maridos.

E ha alguns tão papalvos que apòs um d'estes ridiculos ensaios, exclamão :
— Como ella me ama ! como sou venturoso !

Angelina não attingia ainda a esse requinte de depravação ; mas se não era mestra jubilada, tinha-se matriculado n'essa escola e promettia grandes esperanças para o futuro.

Se o abraço com que Angelina remunerou a boa vontade com que o marido accedeu a seu pedido, foi uma especie de agua com assucar com que ella adoçou os labios do velhote, afim de mais tarde fazel-o tragar até ás fezes o lethal veneno, na taça do adulterio, é o que por emquanto não podemos dizer.

O que, porém, podemos affiançar, é que o pedido foi attendido.

Nicolau Vicente.

(Continúa.)



POESIAS.

SONHANDO.

Eu via um quadro de celestes gosos,
De leve a aura balançava a flor;
Depois correndo nos vergeis viçosos,
Em brando adejo murmurava amor.

Rubra assomava matutina aurora,
Envolta em dobras d'um sendal d'anil;
Doirada nuvem percorria ess'hora
Um céu ignifero de manhã gentil.

No val bramia perennal cascata,
De manso as aguas a rolar, velez,
Cantor volatil desparzia á mata
Ternos gorgeies em sonora voz.

Um véo de rosas ondulava lindo,
Então n'um prisma de brilhante côr,
Eu via um mundo de prazer infindo...
Todo poesia — a me fallar d'amor...

Junto á floresta appareceu um anjo,
Por entre as flores n'um feliz vagar.
Era essa virgem porque a lyra tanjo,
Colhendo flores em gentil scismar.

Cobria as formas virginaes, mimosas,
Denso vestido de fulgente côr;
Longas madeixas a cahir ondosas
Sob uma c'roa de nevado alvor.

Esse de graças feminil composto,
Que ao romper d'alva vagueava ali,
Nos labios tinha um sorriso posto,
Ai l era Dylia, que formosa vi!...

Ao meu chamado, que vibrou instante
Cobriu-lhe as faces infantil rubor;
Lançou em roda terno olhar d'amante
Dizendo :— és tu... é meu fiel cantor...

Em louco anseio comprimi-lhe o peito,
Que effluvios n'alma prelibava então;
Tendo de flores perfumado leito.
Beijei insano a divinal visão !....

Mas logo o sopro da real verdade,
Rompeu meu sonho, qual um véo de pó ;
Já vendo um mundo d'infernal vaidade,
Friste, abatido, despertei — mas só !

1867.

Napoleão Poeta.



SEGREDO E AMOR.

(RECITATIVO.)

Ha sonhos lindos aos desoito annos,
Fundos arcanos de febril queimor ;
Que a nós, donzella, sobrevindo a medo
Guardão *segredo* murmurando *amor*.

Diz-me, adivinhasse quem vês agora
Louco te adora com voraz paixão ?
'Tanto *segredo* meu *amor* 'esconde . . .
Diz-me,—responde— tu não sabes, não ! . . .

Quando te olho, seductora e bella
Sonhas, donzella, n'esse olhar quem vê ?
E' ao *segredo* d'este *amor* affeito
Morrendo o peito, sem que um ai só dê.

Como nas flores á occultar-se essencias,
Ha existencias que ninguem sentiu ;
Assim minh'alma no *segredo* immersa
De *amor* conversã com quem nunca 'ouviu.

E' que ha na terra perennaes arcanos
Que nunca humanos saberão transpor ;
Mysterios, duvida, e descrença e medo,
Longo *segredo* de infinito *amor*.

Quando te vejo me assomar tão linda,
Que paz infinda que se abriga em mim ! . . .
E tu não sabes se o *segredo* illudo
Do *amor*, de tudo que se diz n'um sim ! . . .

E' que nas cinzas encuberto o fogo
Não brilha logo, se o não vem soprar ;
Tal em *segredo* minna mente opprime
O *amor* sublime que trahiu no olhar.

Se ora em ti penso, na fugaz vertigem,
Sabes, oh ! virgem, de um praser veloz ?
Sonho em *segredo* n'este *amor* tyranno,
Que ouço um piano, que l'escuto a voz.

Se de ti perto meu sorrir confranjo,
Zombas, meu anjo, de me ver sorrir ?
E' que em *segredo* d'este amor a imagem
Vem qual miragem, para mim fulgir.

E' que ha mysterios aos desoito annos,
Fundos arcanos de febril queimor . . .
Que eu sempre, oh ! virgem, te adorando a medo
Guardo *segredo*—murmurando amor.

Agosto de 1869.

Francisco Antunes Ferreira da Luz.



EMENTARIO MENSAL.

Foi quasi totalmente destituído de factos notaveis o mez que finda hoje:

Dois, no entanto, ha a mencionar, que interessão grandemente á humanidade:

O primeiro é a nova serie de victorias que o nosso valente exercito tem alcançado no Paraguay, o que nos faz crer no próximo termo da guerra.

Reunidos todos os elementos de acção, parece que é proposito do joven commandante em chefe perseguir o despota Solano Lopez até fazel-o deixar a terra que estragou.

O exercito que vivia contristado pela inacção a que o condemnára um fatalissimo engano, tomou as armas com enthusiasmo para recommençar a lucta.

Peribebuy e Aseurra cahirão já em nosso poder, dizem-nos telegrammas do Desterro.

Os nossos soldados, animados pela presença do bravo Osorio, seguem na gloriosa marcha encetada. Que Deus os proteja e á causa por que se batem, e os restitua breve á terra natal, á familia.

Não ha impedir o livre curso á emancipação.

O grito dos escravagistas morre sem echo no coração do povo!

Este, aquelle, todos, comprehendendo o degradante papel que o Brasil faz ante os outros Estados que ha muito banirão de seus dominios o elemento servil, se reúnem em associação para extirpar d'esta terra que se diz livre o cancro da escravidão domestica.

Hontem era o *Parthenon*, que adherindo á feliz idéa do seu digno presidente-honorario, tratava de exhibir um espectáculo e applicar o producto á liberdade de algumas infelizes crianças do sexo feminino que nascerão escravas.

Hoje é o directorio liberal que, seguindo o exemplo aberto pelo *Parthenon* e a sociedade *Acacia* do Rio Grande, pretende installar no dia 7 do futuro mez uma sociedade que tenha por principal missão a liberdade de crianças.

O *Parthenon* trata com interesse de levar a effeito a sua idéa, e por felicidade tem encontrado o melhor acolhimento por parte da generosa população d'esta cidade.

A sociedade *Libertadora* nomeou commissões para aquisição de socios, e submetteu á approvação do governo os respectivos estatutos.

De toda a parte nos chegam noticias, que dizem bem alto, que em breves annos a extincção do elemento servil será um facto consummado.

Aqui é um proprietario que declara livre o ventre das escravas que possue. Acolá outro liberta onze escravos de maior idade.

Além é uma associação libertadora que se installa, remindo da escravidão a 7 criancinhas.

Mais além são alguns moços, estudantes, que applicão á liberdade de 3 crianças as quantias que em annos anteriores empregavão em festejos banaes.

E outros e outros factos d'esta natureza que os leitores tem visto registrados na imprensa diaria.

Abençoada propaganda!

Que o desanimo não chegue, que a este movimento ardente e grandioso não succeda a apathia e o receio, para que breve possamos dizer orgulhosos e satisfeitos: — a escravidão domestica desapareceu do mundo inteiro. O Brasil já não é uma triste excepção dos Estados que derribarão a arvore maldita.

O limitado circulo reservado ao Ementario obriga-me a esquecer o theatro. Contento-me em louvar o procedimento que teve Julieta Argeline dando hoje liberdade a uma criancinha.

Tenho sempre palavras de elogio para aquelles, não importa a condição, que amão a idéa da liberdade e por ella são capazes de sacrificio.

Nenhuma novidade de maior monta se dá pelo mundo litterario.

Por mais que procurasse, nada foi possível saber.

As folhas da cõrte só tratão de politica ou da Ristori.

A grande tragica tem feito as delicias do povo fluminense, que a obriga á repetição por vezes de cada peça de seu repertorio.

E deve ter razão.

Quem póde deixar de, mesmo de longe, admirar o genio sublime da mulher que, em tres noites personifica com geraes applausos o amor lascivo da corteza sem pejo; o ciume violento da esposa trahida, e depois a ingenuidade de uma menina, de pésinho á mostra, a servir á mesa ou a engommar, em quanto lhe protestão amor?

As ovações á Ristori contão-se pelas representações.

Os italianos, com especialidade, tem-lhe dado as mais significativas provas do apreço.

A eminente artista ficava a partir para o Rio da Prata, onde os seus compatriotas preparão lhe uma esplendida recepção.

Pena é que só possamos applaudil-a pelo juizo autorisado da imprensa da cõrte.

Pinheiro Chagas!

Eis ali um nome que não nos é desconhecido.

Lembrão-se os leitores de autor de uma lenda historica que ha dois annos publicou o *Jornal do Commercio*?

Lembrão-se ainda do distincto autor de um escripto que fez furor em to-la a parte em que foi lido, e que deu sérias dores de cabeça á execranda Isabel a catholica, — a noite de S. João em Aranjuez?

Pois bem; Pinheiro Chagas, profundo litterato portuguez, notavel pelos seus deliciosos romances, acaba de publicar um livro, contendo a biographia dos portuguezes celebres que mais lustre derão á sua patria pelas virtudes, pelas letras, pelas artes ou pelas armas, de Viriato a Garrett.

Comprehende-se a grandeza do serviço prestado ás letras portuguezas; sahir da linguagem faceira das lendas e romances para o estylo grave e sentencioso da historia vale muito, porque no ultimo caso mór lucro tem a nação.

O Sr. Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello publicou ultimamente na côrte n'um pequeno volume a biographia do heroico Andrade Neves.

Os leitores conhecem a obra pela transcripção que fez a *Reforma*.

Para um tão grande heróe, tal biographo.

Se consigno o apparecimento do novo livro, é para louvar o joven historiador, nosso consocio, que tão bons serviços tem prestado á litteratura.

Quando publicou-se na côrte a *Bibliotheca Brasileira*, deu elle á luz os seus *Esboços biographicos*, onde historiava a vida dos vultos grandiosos d'este paiz pela epocha da nossa emancipação politica.

De volta d'esta provincia, que presidiu por mais de um anno, publicou a continuação dos seus esboços, tendo d'aqui levado uma grande copia de documentos, que lhe forão facilitados pelos seus amigos e pelos archivos publicos.

N'uma viagem que fez ao Paraguay completou os dados sobre a vida do desditoso Andrade Neves, e pagou um justo tributo á memoria do valente general na publicação da sua biographia.

O livro foi offerecido á provincia do Rio Grande.

Nem só esse foi o resultado colhido do seu passeio á terra inimiga.

Em cartas que o Dr. Homem de Mello escreve á seu irmão, e qua a *Reforma* da côrte publica, ha muita preciosidade sobre a natureza do Paraguay, descripção do terreno etc.

Felicito de coração o *Parthenon* por contar no numero de seus associados ao distincto escriptor.

Alguns jovens residentes na côrte tiverão a feliz idéa de reunir n'um volume de 112 paginas diversos escriptos em prosa e verso, publicados já em jornaes.

E' um bom serviço prestado ás letras, e oxalá que todos tratassem de seguir esse exemplo.

N'esta provincia quanta belleza em poesia se tem perdido nas columnas dos jornaes que quasi ninguem guarda!

No entanto conviria procural-as e reunil-as em volumes. Um pouco de trabalho, e isso bastaria para alcançar-se um grande resultado.

Sabemos que alguém houve n'esta cidade que tivesse a idéa de colleccionar todos os cantos dos nossos inspirados poetas; porque desanimou esse joven e intelligente escriptor?

Vai muito desenhaibido o presente Ementario. Cuipa é da falta de talentos de quem o escreve e tambem da monotonia com que passarão-se os dias d'este tão temido mez.

E' adagio popular: — *Quem diz Agosto diz desgosto.* —

Será talvez por isto que fecho o Ementario com a noticia da morte do bravo general rio-grandense João Manoel Menna Barreto.

Cahiu á 12 no campo de batalha, varado por duas balas inimigas.

Parece que um mau fado persegue a esta briosa provincia; cada combate que se fere no Paraguay rouba-lhe um filho distincto e de alta patente militar.

João Manoel, companheiro de Osorio e Andrade Neves, não lhes era inferior no valor com que se atirava ao inimigo, conquistando para a patria novas e brilhantes glorias, e para si a fama de destemido guerreiro.

O Rio Grande prantêa a morte do heroico soldado, que pelo valor de que deu provas em frente dos paraguayos e em arriscadas expedições, mereceu dos escriptores do Rio da Prata o appellido de — *Annibal rio-grandense*.

E disse.

31 de Agosto de 1869.

Aurelio de Bittencourt.